

# Entrevista com Julien Duval<sup>1</sup>

Realizada e traduzida por:

**Camila Gui Rosatti**

doutora em sociologia pela  
Universidade de São Paulo (USP)

**Márcia Consolim**

professora da Universidade  
Federal de São Paulo (UNIFESP).

## Apresentação

Julien Duval (1972-), sociólogo francês formado pela École Normale Supérieure – Cachan, é pesquisador do Centre National de la Recherche Scientifique – CNRS e, atualmente, ocupa o cargo de vice-diretor do Centre Européen de Sociologie et de Science Politique – CESSP, centro de pesquisa fundado por Pierre Bourdieu em 1968<sup>2</sup>. Além de contribuir para a organização do legado de Pierre Bourdieu, Duval tem se dedicado a investigar as relações entre as atividades culturais e a economia, enfocando, em particular, as transformações das atividades e das práticas culturais na França nas últimas três décadas, ou seja, no contexto do crescimento da “lógica econômica” e do neoliberalismo. Publicou livros sobre o jornalismo econômico, o sistema de proteção social e o cinema francês, entre os quais destacamos: *Critique de la raison journalistique* (Le Seuil, 2004); *Mythe du ‘trou de la Sécu’* (Raisons d’agir, 2007); *Le cinéma au XXIe siècle: entre loi du*

---

<sup>1</sup> Agradecemos a Julien Duval pelos esclarecimentos referentes às dúvidas de tradução.

<sup>2</sup> O CESSP é formado por cerca de cinquenta pesquisadores de três instituições (Universidade Paris I, CNRS e EHESS). Foi fundado, em 2010, a partir da fusão do Centre de Sociologie Européenne (CSE-EHESS) e do Centre de Recherches Politiques (CRPS-Sorbonne). Trata-se de uma unidade mista de pesquisa em ciências sociais, agrupando principalmente sociólogos e cientistas políticos, mas também antropólogos e economistas. Cf. <http://www.cessp.cnrs.fr/spip.php?rubrique6&lang=fr> (Nota das Tradutoras – N.T.).

*marché et règles de l'art* (CNRS, 2016), além de diversos artigos na revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*<sup>3</sup>.

Duval também tem se dedicado a debater e editar parte da produção intelectual de Pierre Bourdieu. Ao completar trinta anos da publicação de *A Distinção*, organizou, junto com Philippe Coulangeon, um balanço da atualidade e do espraiamento da clássica e controversa obra de 1979, reunindo mais de trinta especialistas franceses e estrangeiros, que discutem as transformações da sociedade contemporânea à luz das práticas culturais e das apreciações estéticas<sup>4</sup>. Além disso, no que se refere à sistematização da obra de Bourdieu, editou, junto com Patrick Champagne, *Sociologie Générale I e II e Anthropologie Économique*, três livros reunindo os cursos ministrados no *Collège de France* na primeira metade dos anos 1980 e início dos anos 1990<sup>5</sup>.

Esta entrevista é resultado de diversos encontros que tivemos, em São Paulo e em Paris, entre dezembro de 2016 e janeiro de 2017, e sua forma final foi retrabalhada com intervenções por escrito do entrevistado<sup>6</sup>. O objetivo foi conhecer sua trajetória e seus interesses de pesquisa, bem como entender sua participação no grupo fundado por Pierre Bourdieu e, mais largamente, o próprio empreendimento de pesquisa construído coletivamente com as diversas gerações de “alunos-herdeiros”. Duval pertenceu

---

3 No Brasil, podem ser mencionadas as seguintes publicações: “Analisar um espaço social”, in Serge Paugam (coord.), *A Pesquisa Sociológica*, trad. Francisco Morás, Petrópolis, Editora Vozes, 2015, pp. 218-237 e os Verbetes “Distinção”, “A distinção: crítica social do julgamento”, “Estilos de vida”, “Gosto”, in Afrânio Mendes Catani, Maria Alice Nogueira, Ana Paula Hey, Cristina Carta Cardoso de Medeiros (org.), *Vocabulário Bourdieu*, Belo Horizonte, Autêntica, 2017, p. 146-148, 148-151, 187-189, 208-210. Outros trabalhos de sua autoria devem ser publicados nos próximos anos: o artigo “Sobre a Transformação do Sistema dos Gostos na França” em PULICI, Carolina & FERNANDES, Dmitri. (Orgs.) *As lógicas sociais do gosto: condicionantes das preferências, hierarquias simbólicas e legitimidades culturais*. São Paulo, Fap-Unifesp, [prelo].

4 Cf., *Trente ans après la Distinction (La Découverte, 2013)* e *The Routledge Companion to Bourdieu's Distinction (Routledge, 2014)*.

5 BOURDIEU, Pierre. *Sociologie Générale. Cours au Collège de France – 1981-1983*. Paris, *Raisons d'Agir/Seuil*, 2015. *Sociologie Générale. Cours au Collège de France – 1983-1986*. Paris, *Raisons d'Agir/Seuil*, 2016. *Anthropologie économique. Cours au Collège de France – 1992-1993*, Paris, *Raisons d'agir/Le Seuil*, 2017, 341 p.

6 Duval esteve no Brasil em dezembro de 2016, onde apresentou suas pesquisas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a convite do Consulado Francês no Brasil; na Universidade Federal de São Carlos (UFS-Car), a convite de Roberto Grun; na Universidade de São Paulo, a convite de Graziela Perosa (EACH-USP) e no âmbito do Seminário Internacional de Sociologia, evento organizado pelos mestrandos e doutorandos do Programa de Sociologia (FFLCH-USP). Aproveitamos para agradecer Graziela Perosa, que gentilmente leu e fez comentários à versão final da entrevista.

à última geração formada no Centre de Sociologie Européenne (CSE) enquanto Bourdieu ainda era vivo e, por isso, sua experiência intelectual se inscreve nas transformações pelas quais passou o projeto intelectual de Bourdieu e do grupo de pesquisadores ligados a ele, no contexto mais amplo de suas relações com as instituições de ensino e pesquisa na França. O relato em primeira pessoa expõe com densidade a experiência particular de um pesquisador que, articulada ao contexto histórico, institucional e intelectual francês do fim do século XX, permite vislumbrar algumas das condições de enraizamento e de reprodução da sociologia bourdieusiana na França.

**O objetivo dessa primeira parte da entrevista é compreender seu percurso de estudos na França. Você sempre estudou em Paris? Gostaríamos que você nos apresentasse sua trajetória escolar, as instituições onde estudou e como escolheu a sociologia.**

Fiz a quase totalidade de meus estudos em Paris. Após ter cursado o liceu e ter o certificado do *baccalauréat* em ciências<sup>7</sup>, ingressei naquilo que chamamos de “classes preparatórias”<sup>8</sup> a fim de me apresentar ao concurso da *École Normale Supérieure*, ou seja, uma das chamadas “Grandes Écoles” da França – instituições que, desde os anos 1800, são externas ao sistema universitário e se destinam a formar “uma elite” de engenheiros, dirigentes, professores etc. Eu me inscrevi em um tipo de classe preparatória que, naquele momento, acabara de ser criado: formação dupla, literária e científica, oferecia matérias de ciências sociais (sociologia e economia), de letras clássicas e um pouco de matemática.

7 O *baccalauréat* é um exame que ocorre ao término do ensino secundário e que condiciona o acesso ao ensino superior. Designa, ao mesmo tempo, o diploma e o exame final do segundo ciclo do ensino secundário, permitindo um conjunto variado de possibilidades de inserção profissional e/ou a continuidade de formação no ensino superior. Igualmente, é requisito para o acesso às classes preparatórias destinadas aos concursos das grandes écoles. A *agrégation* é um concurso nacional de acesso aos cargos de professor no ensino secundário (liceu) ou no ensino superior. A aprovação nestes concursos confere o título de *agrégé*. (nota do entrevistado – N.E.).

8 O Liceu na França corresponde ao ensino secundário no Brasil. As “classes preparatórias” ocorrem após o término do ensino secundário e são cursos com duração de dois anos que têm como objetivo preparar para os exames de seleção às grandes écoles. O sistema de ensino francês possui uma dupla entrada: as universidades, para as quais não há exames de acesso e a exigência é o *baccalauréat*, et as grandes écoles, cujo acesso é mediado por seletivos exames. (N.E.)

Essa classe preparava para o ingresso na seção de Ciências Sociais, recém-criada nas escolas normais superiores, destinada a formar uma elite de professores e pesquisadores.

Ingressei na *École Normale Supérieure (ENS-Cachan)*, que é menos prestigiosa que a ENS da Rua Ulm (ENS-Ulm, Paris), mas mais especializada em ciências sociais. O período de formação durava quatro anos, durante os quais os alunos eram pagos pelo Estado com o compromisso de serem funcionários públicos quando concluída a graduação. O percurso mais frequente consistia em obter títulos universitários nos primeiros dois anos e, no terceiro ano, o título de *agrégation*, que habilita à docência no liceu. No quarto ano, em minha época, preparava-se um *master*, já tendo em perspectiva escrever uma tese.<sup>9</sup> Em meus dois primeiros anos, cursei matérias de sociologia e de economia e, no terceiro ano, passei no concurso da *agrégation* em ciências sociais e fui para a *École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS-Paris)*, que é também uma instituição externa ao sistema universitário. Por ser uma escola de pós-graduação, ela tem poucos alunos e seus professores podem se dedicar mais intensamente à pesquisa, pois têm menor carga em sala de aula do que os professores das universidades. Nessa época, entre 1994 e 1995, a EHESS concentrava em sociologia nomes prestigiados, tais como Pierre Bourdieu, Alain Touraine, Robert Castel, Luc Boltanski etc. Bourdieu, que havia sido recrutado em 1964, não estava mais ativo na EHESS, pois sua principal filiação institucional, desde 1982, era o *Collège de France*. Mas a maior parte dos sociólogos que trabalhava diretamente com ele estava na EHESS, alguns deles habilitados e orientar pesquisas em nível de pós-graduação. Era o caso de Remi Lenoir, com o qual me inscrevi para preparar minha entrada no doutorado no ano universitário de 1994-1995. Contudo, iniciei o doutorado apenas em 1997 porque antes tive que cumprir minhas obrigações no serviço militar.

A evocação que acabo de fazer de meu percurso escolar pode dar a impressão de uma trajetória em linha reta, mas, na verdade, tive alguns

---

<sup>9</sup> Na França, nesse período, o primeiro ciclo era composto por dois anos de curso (DEUG) e um segundo ciclo por outros dois anos – o terceiro ano para a obtenção do certificado de “licença” e o quarto de “maîtrise”. O terceiro ciclo (5º ao 8º ano) era composto pelo DEA (5º ano), durante o qual era necessário escrever uma memória de mais ou menos 100 páginas, e nos anos seguintes pelo doutorado (6º ao 8º ano). (N.E.)

momentos de hesitação. No começo, hesitei entre a área de letras e a de ciências e, depois, entre a de economia e a de sociologia. A opção pela sociologia aconteceu, em grande parte, no período em que cursei a “classe preparatória”. Até então, nunca tinha ouvido falar em sociologia. Nas outras disciplinas, minhas notas não eram necessariamente medíocres, mas também não eram excepcionais, além de nunca ter me interessado por elas ao ponto de investir muito tempo ou, pior ainda, toda a vida. Fiquei entusiasmado com a sociologia, que me permitia seguir uma atividade científica sem romper totalmente com as coisas literárias. Também pesou na escolha seu caráter político ou crítico, além do fato de a sociologia não ser nem uma disciplina clássica.

No tempo em que fiz meus estudos, no início dos anos 1990, a sociologia era ainda uma disciplina muito heterogênea. Muitos professores se orientaram à sociologia declaradamente por militância política (momento pós-1968) ou em função de reconversões disciplinares. Na França, o ensino de ciências sociais foi progressivamente se institucionalizando, notadamente através dessa formação pela qual passei (o concurso para a seção de ciências sociais da École Normale Supérieure e o título de *agrégation* em ciências sociais). E isso modificou o recrutamento de professores e de pesquisadores. A disciplina se profissionalizou e se homogeneizou, com as vantagens e os inconvenientes que isso pode trazer. Contudo, se menciono essa evolução é sobretudo porque ela não é estranha a esse fenômeno que preocupa atualmente muitas pessoas fora da França e que diz respeito ao desaparecimento dos “grandes homens”: os durkheimianos, mas também Bourdieu, Boudon, Aron etc., foram em sua maioria normalistas e *agrégés* em filosofia reconvertidos, um perfil que praticamente desapareceu nas novas gerações de sociólogos, desde que a *agrégation* em ciências sociais foi criada, em 1977<sup>10</sup>.

---

10 O fato de ter sido aluno da École Normale Supérieure (ENS) ainda é nos dias atuais uma propriedade muito importante no mundo universitário francês. Ela delimita, de modo mais ou menos explícito, uma elite no interior do ensino superior e da pesquisa. Por sua vez, os normalistas tendem a se hierarquizar segundo o título de *agrégation* que possuem – sendo que a *agrégation* em filosofia foi durante muito tempo o título mais prestigiado.

## Quando e como se deu seu contato com a sociologia de Pierre Bourdieu? Quais cursos você frequentou e como eram organizados?

Entrei em contato com a sociologia e, em particular, com a sociologia de Bourdieu, durante o período em que cursei a classe preparatória, entre 1989 e 1991. Vou falar um pouco mais sobre isso, pois acredito que a questão interessa para além do meu caso particular. Em certo sentido, tive duas formações em sociologia. Oficialmente, frequentava cursos de sociologia do tipo história da sociologia, sociologia do trabalho, classes sociais etc., em que os textos de Bourdieu estavam ausentes, por mais surpreendente que possa parecer. Talvez isso seja particular às instituições pelas quais passei, mas a obra Bourdieu efetivamente não era referência para esses professores. Às vezes, havia uma vontade deliberada de ignorar seus trabalhos, de escapar de seu empreendimento científico ou de acusá-lo (frequentemente, sem nomeá-lo) de ser superficial, ultrapassado, jornalístico, “ideológico” etc. Paralelamente, tomava contato com a sociologia de Bourdieu pelas minhas próprias leituras. Lembro-me de ter lido dois livros à época: *Questions de Sociologie*<sup>11</sup> e o livro que Alain Accardo havia publicado nos anos 1980<sup>12</sup>. Fiquei muito entusiasmado com os livros que foram publicados nessa época, especialmente *Faire l'opinion*<sup>13</sup>, de Patrick Champagne, *Réponses*<sup>14</sup> e *Règles de l'art*<sup>15</sup>, que apareceram em 1992. Nessa época eu também passei a ler regularmente a revista do grupo do Bourdieu, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, e um conjunto de livros editados na coleção “Le Sens Commun”.

Levei algum tempo para tomar consciência de que eu orientava minha formação, de alguma maneira, contra os meus professores, e a me dar conta de que Bourdieu não era um autor assim tão “clássico” quanto eu

---

11 BOURDIEU, Pierre. Questions de sociologie. Paris, Les Éditions Minuit, 1984. Em português, traduzido por Miguel Serras Pereira: Questões de Sociologia. Lisboa, Editora Fim de século, 2003.

12 ACCARDO, Alain. Initiation à la sociologie de l'illusionnisme social: lire Bourdieu. Bordeaux, Le Mascaret, 1983.

13 CHAMPAGNE, Patrick. Faire l'Opinion. Le nouveau jeu politique. Paris, Minuit, 1990.

14 BOURDIEU, Pierre. Réponses. Pour une anthropologie réflexive. Paris, Le Seuil, 1992.

15 BOURDIEU, Pierre. Les Règles de l'art. Genèse et structure du champ littéraire. Paris, Éditions du Seuil, « Libre examen », 1992. No Brasil, BOURDIEU, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

acreditava, mas que, pelo contrário, ele dividia fortemente a disciplina. Assim, tive a impressão de ter que escolher entre duas formas de sociologia. E eu fiz, por assim dizer, a escolha da convicção. Sentia que essa escolha seria algo que pesaria no futuro, mas não conseguia me ver engajado em algo que não acreditasse. Concretamente, essa escolha consistiu em me dirigir à EHESS e escolher para orientar meu primeiro trabalho de investigação (*mémoire de recherche*<sup>16</sup>) alguém que estivesse vinculado ao grupo de Bourdieu no Centre de Sociologie de l'Éducation et de la Culture (CSEC).<sup>17</sup> Na França, há uma distinção clara entre, de um lado, os departamentos de ensino, e de outro lado, os laboratórios ou centros de pesquisas, que se consagram especificamente às atividades de pesquisa. Por vezes, em ciências humanas, esses centros têm uma atividade que se restringe à organização, de tempos em tempos, de seminários. Bourdieu, no entanto, havia criado um verdadeiro grupo de pesquisadores, agrupando orientações intelectuais afins e articulando, especialmente nos anos 1960, pesquisas coletivas tais como as grandes investigações sobre os estudantes, a cultura, os museus e as grandes écoles.<sup>18</sup>

Eu me dirigi ao CSEC pensando que era o único lugar onde se podia, como estudante, utilizar a sociologia de Bourdieu sem ser repreendido ou sem ter que fingir tê-lo “superado”. A visão mais frequente era de que se tratava de um mundo à parte na sociologia ou de uma “seita” da qual era melhor tomar distância. Eu sabia que havia riscos. Eu tive, não por acaso, dois convites para mudar de orientador. Quando eu quis começar o doutorado, em 1997, eu não consegui uma bolsa de estudos, obtida sem dificuldade por praticamente todos os meus colegas egressos das escolas normais. Será que esse fato foi uma espécie de punição por eu ter escolhido esse

16 DUVÁL, Julien. *Le traitement médiatique d'une réunion de la Commission des Comptes de la Sécurité sociale. Contribution à une analyse sociologique du journalisme économique*, *Mémoire de D.E.A., sob a direção de M. Remi Lenoir, Paris, École des hautes études en sciences sociales, septembre 1995, 130 p.*

17 Quando de seu retorno da Argélia, em 1960, Bourdieu ingressou no Centre de Sociologie Européenne (CSE), então dirigido por Raymond Aron. Em 1968, Bourdieu e os jovens pesquisadores que trabalhavam com ele romperam com Raymond Aron e fundaram o « Centre de sociologie de l'éducation et de la culture » (CSEC) que, em 1997, acabou por retomar o nome « Centre de sociologie européenne » (CSE). Em 2010, o Centre de Sociologie Européenne (CSE) se fundiu ao Centre Européen de Sociologie et Science Politique (CESSP).

18 Participaram desse grupo de pesquisadores Luc Boltanski, Jean-Claude Chamboredon, Monique de Saint Martin, Yvette Delsaut, Jean-Claude Passeron, Abdelmalek Sayad entre outros.

laboratório e esse orientador? Nunca saberei. Sei apenas que muitos dos antigos alunos de Bourdieu estavam habituados a esses tipos de adversidade. Quando Bourdieu nomeou de “Reprodução Interditada”<sup>19</sup> um de seus artigos sobre o celibato camponês, começou a circular uma brincadeira que afirmava que a reprodução universitária de Bourdieu e de seus “discípulos” havia sido, ela mesma, interditada.

Acabei por conseguir uma bolsa em um laboratório de sociologia ligado ao Institut national des statistiques (INSEE), cuja orientação dominante era a sociologia estatística anglo-saxônica *mainstream* e, em menor medida, a sociologia de Raymond Boudon – um adepto da teoria da ação racional e próximo da direita liberal que se opunha amplamente a Bourdieu no espaço da sociologia francesa. Eu havia me candidatado a essa bolsa sem acreditar que pudesse ser selecionado, mas não tinha nada a perder. Fui escolhido, sem dúvida, por falta melhores candidaturas, pois poucos estudantes de sociologia tinham formação muito avançada em estatística. Então, fiz minha tese entre dois laboratórios de sociologia, muito distintos um do outro, o que se tornou muitas vezes algo desconfortável e que devia suscitar espanto do exterior. Se eu relato tais adversidades é porque, mesmo que eu não tenha provas cabais, penso que elas dizem algo sobre as lutas nas quais a sociologia de Bourdieu ainda estava implicada na década de 1990.

Voltando à pergunta de vocês em relação aos cursos que acompanhei. Quando cheguei na EHESS, em 1994-1995, Bourdieu era professor do *Collège de France*<sup>20</sup>. Nessa instituição os professores ministram apenas algumas horas de curso por ano sobre suas pesquisas em andamento e têm a possibilidade de suspender o curso ou de ministrá-lo em outras cidades da França ou no exterior. Em meados de 1990, Bourdieu fez conferências em

---

19 BOURDIEU, Pierre. *Reproduction interdite: la dimension symbolique de la domination économique*, Études rurales, 1989, n° 113-114.

20 O *Collège de France* é uma instituição bastante antiga e muito prestigiosa na França. Foi criada pelo Rei da França na época da Renascença, no século XVI, e tinha por objetivo reunir um pequeno número de cientistas inovadores ou eruditos que não encontravam vaga na universidade, ainda fortemente sob o controle do poder religioso. No século XX, ela reúne por volta de cinquenta professores que são, cada um deles, particularmente renomados em suas disciplinas. Não há “estudante” de fato no *Collège de France*, pois os cursos são abertos a todos os interessados e não há exames ou emissão de diplomas. (N.E.)

várias universidades francesas (Amiens, Lyon, Poitiers, Nantes, Strasbourg, Toulouse), na Alemanha (Göttingen), Grécia (Atenas) e Suíça (Fribourg), retomando seu curso no *Collège de France* apenas em 1997. Eu frequentei uma parte importante dos dois cursos sobre Manet<sup>21</sup> e o último curso dele sobre a ciência<sup>22</sup>. Os cursos aconteciam em um anfiteatro que, de acordo com minhas lembranças, estava lotado em todas sessões: havia membros do CSE entre os assistentes, mas a maior parte dos rostos era desconhecida. Paralelamente a esse curso, no *Collège de France*, Bourdieu coordenava um seminário na EHESS, que passei a frequentar a partir do ano universitário 1995-1996. Creio que, nesse ano, o tema foi a história social das ciências sociais. Bourdieu era o principal expositor, mas a maior parte das apresentações foi feita por pesquisadores convidados. Bourdieu tentava conservar a fórmula de um seminário de pesquisa, mas concretamente o público era amplo, entre 50 a 100 pessoas em cada sessão, entre as quais um número elevado de pesquisadores estrangeiros. Na EHESS, frequentei também os seminários dos membros do grupo de pesquisa do Bourdieu (Salah Bouhedja; Patrick Champagne; Yvette Delsaut; Louis Pinto; Monique de Saint Martin etc.).

**Você elaborou, juntamente a outros colegas, um trabalho que deu origem à publicação do livro “Décembre des intellectuels”.<sup>23</sup> Você poderia retomar o contexto histórico que mobilizou vocês a fazer esse trabalho?**

Em novembro de 1995, um governo de direita na França propôs uma reforma da seguridade social de inspiração liberal que suscitou um movimento social relativamente importante: durante mais ou menos três semanas, os transportes públicos quase pararam de funcionar e as manifestações pediam a suspensão da reforma. Muitas personalidades políticas e intelectuais da esquerda reformista tinham apoiado a reforma. Pouco antes do início da onda de greves, um conjunto de experts, de

21 BOURDIEU, Pierre. Manet. Une révolution symbolique. Cours au Collège de France (1998-2000), suivis d'un manuscrit inachevé de Pierre et Marie-Claire Bourdieu, Paris Seuil-Raisons d'agir, 2013.

22 BOURDIEU, Pierre. Science de la science et réflexivité, Paris, Raisons d'Agir, 2001.

23 DUVAL, Julien; GAUBERT, Christophe; LEBARON, Frédéric; MARCHETTI, Dominique; PAVIS, Fabienne. Le "décembre" des intellectuels français, éditions Liber-Raisons d'agir, 1998.

economistas e de sociólogos assinaram uma petição de apoio ao governo. Ela coroava de alguma forma a adesão progressiva, desde meados dos anos 1980, de frações da esquerda reformista ao pensamento neoliberal. Quando a onda de greves começou, intelectuais de esquerda menos conhecidos lançaram um manifesto em apoio aos grevistas e que ganhou visibilidade na mídia quando Bourdieu o assinou. Esse momento marca uma etapa importante no engajamento intelectual e político de Bourdieu, que se ampliava de maneira progressiva desde meados dos anos 1980. O movimento social de dezembro de 1995 marca o início de um período em que ele se engaja em ações com agentes sindicais e frequentemente é signatário de petições. Em janeiro de 1997, ele também lança uma nova coleção, “Raisons d’agir”, que se destina a apresentar sob uma forma acessível pesquisas sobre temas políticos ou que envolvem militância. O primeiro livro dessa coleção foi *Sur la Télévision*, de Bourdieu, e cujo sucesso de vendas estimulou a polêmica em torno de seus engajamentos nos grandes jornais da imprensa política.<sup>24</sup>

O trabalho que levou ao livro *Le « Décembre » des Intellectuels Français* começou à margem de tudo isso. Christophe Gaubert, Frédéric Lebaron, Fabienne Pavis, Dominique Marchetti e eu éramos então doutorandos de sociologia. Nós nos conhecíamos do Centre de Sociologie Européenne ou dos seminários, e tínhamos tido a ideia, creio que desde dezembro de 1995, de fazer um trabalho sobre as duas grandes petições que haviam sido lançadas<sup>25</sup>. Pretendíamos compreender sociologicamente as razões que haviam conduzido diferentes intelectuais e, particularmente, os sociólogos, a assinar uma ou outra petição, mas também refletir sobre o que significa agir por meio de uma petição e sobre os modos de acesso dos “intelectuais” aos meios de comunicação nesse período na França. Havia certamente pulsões políticas nessa ideia, mas também interesse em fazer alguma coisa coletivamente para interromper o isolamento do trabalho de tese, além de certa excitação em fazer uma espécie de sociologia dos intelectuais (e,

---

24 BOURDIEU, Pierre. *Sur la télévision. Liber-Raisons d’agir*, Paris, 1996. Em português, publicado como *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

25 As duas petições se chamaram: “Manifesto por uma reforma de fundo da Seguridade Social” (*Appel pour une réforme de fond de la Sécurité Sociale*) e “Manifesto dos intelectuais em apoio aos grevistas” (*Appel des intellectuels en soutien aux grévistes*).

particularmente, dos sociólogos). No início, nossa ideia era fazer somente um artigo, mas o trabalho deslanchou no momento em que Bourdieu e os pesquisadores em torno dele começaram a refletir sobre modos de ação “militantes”. Foi assim que esse artigo se transformou para se tornar, em 1998, um dos títulos da coleção “Raison d’agir”.

Seria sem dúvida interessante explicar a “gênese” do *Décembre des Intellectuels Français*. No que me diz respeito, vivi isso como uma pequena aventura fascinante. Gérard Mauger tinha inventado uma fórmula (uma “sociologie très spéciale” ou algo do tipo) a respeito desse livro que, de alguma forma, tentava objetivar no calor da hora os debates que se faziam sobre Bourdieu, ainda que sob o risco de acirrá-los. E foi o que aconteceu: o livro foi publicado em abril de 1998 e contribuiu sem dúvida para intensificar os ataques públicos a ele, que atingiram o ponto mais alto em setembro de 1998, quando foi publicado *La Domination Masculine*<sup>26</sup>. De fato, assim que nosso livro passou a interessar Bourdieu e os pesquisadores que o rodeavam, passamos a nos questionar: devíamos continuar ou era melhor parar? Essa foi, ao menos para mim, uma experiência bastante instrutiva. Em primeiro lugar, um aprendizado das dificuldades particulares que a sociologia encontra quando ela aborda algo “no calor dos acontecimentos” e/ou quando toma por objeto os intelectuais – ainda mais quando cinco desconhecidos, como foi o caso, pretendem objetivar os “mestres”; em segundo lugar, das leituras e discussões em torno do texto antes de sua publicação: como era algo potencialmente muito polêmico e arriscado (para nós e para o próprio Bourdieu), era preciso que o livro fosse, dentro do possível, inatacável sociologicamente e desprovido de afirmações suscetíveis de parecerem gratuitas ou preconceituosas.

O livro que escrevemos exemplifica ao menos duas coisas mais gerais sobre Bourdieu e o Centre de Sociologie Européenne. Havia muito entusiasmo entre os pesquisadores. Evidentemente, havia tensões e concorrências, mas também uma grande dedicação ao trabalho, e uma atmosfera que dava vontade de trabalhar e de fazer coisas originais. Outra coisa que, retrospectivamente, me parece importante são as releituras mútuas a que

26 BOURDIEU, Pierre. *La Domination masculine*. Paris, Le Seuil, 1998. Em português, publicado como *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

os textos eram submetidos a fim de identificar seus pontos fracos. Quando cheguei ao CSE já havia lido muita coisa desses pesquisadores, mas uma coisa que aprendi somente na prática foi a forma de escrever um texto científico: utilizar um conceito (ou uma ferramenta tal como uma técnica estatística sofisticada) apenas quando ele é realmente útil e, além disso, suprimir sistematicamente as passagens que não se sustentam empiricamente. Recebíamos indicações críticas de Bourdieu e dos demais membros, do tipo: “você dizem muito ou não o suficiente sobre o assunto”; “um artigo vale o que valem seus pontos mais fracos”; “não se mata uma formiga com um tiro de canhão” etc. Havia um trabalho coletivo sobre os textos e uma reflexão sobre a escrita que não era escolar nem professoral, mas sim animada por uma preocupação de rigor, de eficácia e de modéstia.

**Nessa época, quais eram os membros do grupo que se concentravam em torno de Pierre Bourdieu? Havia uma divisão do trabalho, por exemplo, por temas ou objetos de pesquisa entre os participantes do grupo?**

Nos anos 1960 e 1970, Bourdieu era responsável pelo CSEC, um centro de pesquisa organizado em torno de empreendimentos coletivos e dotado de uma divisão do trabalho interna sob a coordenação de um “núcleo” de pesquisadores principais. Até onde sei, a eleição de Bourdieu ao *Collège de France* contribuiu para mudar um pouco as coisas. Ele estava menos presente fisicamente porque seu escritório principal era em outro local e ele tinha novas obrigações (e um novo *status*). Mantinha vínculos estreitos com os membros do CSEC, que ficaram em sua maioria na EHES, mas as investigações coletivas, sempre dirigidas por Bourdieu, foram se tornando raras.

O período em que ingressei no CSEC é posterior. E o vivenciei na posição de doutorando, ou seja, em uma posição periférica. Não tinha de fato muito contato a não ser com um pequeno número de pessoas. Remi Lenoir, Patrick Champagne, Louis Pinto e Gérard Mauger pareciam ser muito próximos de Bourdieu, tanto nas atividades de pesquisa, quanto nas atividades mais políticas em que Bourdieu se engajou na época. Eu via apenas uma pequena parte das coisas. Mas creio que uma particularidade de Bourdieu era manter relações, sem dúvida bastante diversas em sua

intensidade e forma, com os próprios pesquisadores – eles próprios se diferenciando pelo vínculo institucional ou o pertencimento disciplinar. Entre os que trabalharam com Bourdieu, no fim dos anos 1990, mencionaria pelo menos as pessoas que se ocupavam da *Actes de la recherche* na época, tais como Gabrielle Balacz e Rosine Christin, e os membros do comitê editorial da revista: Christophe Charle, Loïc Wacquant e Franz Schultheis, que me pareciam muito próximos a Bourdieu à época. Mas, dada minha posição no grupo, certamente essa é apenas parte da resposta.

**Você organizou os dois volumes do livro *Sociologie Générale*, que são os cursos de Bourdieu no *Collège de France*, realizados entre 1981 e 1986. O que esses cursos apresentam de novo em relação à obra de Bourdieu? Qual foi o desafio na edição e publicação desses cursos?**

Esse trabalho se estendeu por dois anos e foi extremamente interessante. Bourdieu refletiu muito sobre a diferença entre a comunicação oral e a escrita – de modo que o Bourdieu dos cursos não era o Bourdieu dos livros. Em aula, ele era muito mais didático e se permitia improvisar e fazer digressões, o que certamente dificultou nosso trabalho.

A fonte dessa obra são os registros sonoros (em fita cassete) realizados por alguns pesquisadores que haviam assistido aos cursos. O trabalho de transcrição foi realizado por terceiros, graças a um pequeno orçamento então liberado, de modo que nosso trabalho, de Patrick Champagne e meu, começou após o término das transcrições. Em primeiro lugar, era preciso escutar os registros para tentar melhorar as transcrições, corrigir eventuais falhas por falta de atenção e tentar decifrar as passagens em que o responsável pela transcrição não havia conseguido reconstituir, dado que os registros não eram de boa qualidade. Não conseguimos, claro, resolver tudo. Em segundo lugar, foi preciso trabalhar o texto da transcrição, pois ele não podia ser publicado tal qual estava transcrito em razão das incertezas ou das falhas em certas palavras ou passagens, mas também porque tratava-se de um discurso que adotou com frequência a estrutura e a forma da exposição oral.

Ao contrário de outros professores do *Collège de France*, Bourdieu não lia um texto escrito com antecedência. Parece que, ao menos durante esses

anos, ele dispunha de notas que podiam ser redigidas, mas elas eram uma espécie de guia que ele costumava reformular ou retrabalhar oralmente. Assim, o que ele disse e, portanto, o que foi registrado e, em seguida, transcrito, tem as características de uma exposição oral. Há hesitações, uma sintaxe própria à expressão oral, nuances de sentido que se exprimem somente pela entonação etc. No caso da obra *Sociologie Générale*, aceitamos o princípio que havia sido adotado na publicação dos cursos sobre o Estado e sobre Manet<sup>27</sup>: tratava-se menos de propor uma transcrição absolutamente literal e um pouco fetichista do que tinha dito Bourdieu, e mais de remodelar o texto a fim de obter maior fluidez. Mais ou menos como em uma tradução, confrontamo-nos a todo momento com o problema da traição e da fidelidade ao texto, ou seja, da fidelidade à letra ou ao espírito. Por exemplo: o que fazer diante de tal palavra que Bourdieu empregara dando a entender pela entonação que ela não era absolutamente adequada e que ele empregaria outra em um texto escrito?

O trabalho de edição envolveu também o estabelecimento de notas. As referências que Bourdieu havia mencionado em seus cursos são por vezes alusivas e difíceis de encontrar. Tentamos encontrar e sistematizar as citações que Bourdieu emprestara aos grandes autores, a partir das quais ele acabou por tirar máximas para sua própria sociologia, tais como: “não se pode confundir as coisas da lógica com a lógica das coisas”; “não se deve rir ou denegrir, mas compreender” etc. Identificamos e sistematizamos as referências bibliográficas dessas frases de maneira totalmente inédita, de modo que as notas desses volumes formam, por assim dizer, um livro à parte. Além disso, redigimos para cada um dos volumes um texto cujo objetivo é situar o leitor e ajudá-lo a enfrentar essas duas mil páginas de dois modos distintos: considerando-se que os cursos foram ministrados em uma época precisa de sua produção, era preciso dar sentido a certas passagens por referência a um contexto intelectual ou político específico, mas também por referência ao sistema teórico até então desenvolvido por Bourdieu. Em relação a esse

---

27 BOURDIEU, Pierre. Sur l'État. Cours au Collège de France (1989-1992), Paris, *Raisons d'agir/Seuil*, 2012 (édition établie par Patrick Champagne, Remi Lenoir, Franck Poupeau et Marie-Christine Rivière); BOURDIEU, Pierre. Manet. Une révolution symbolique. Cours au Collège de France (1998-2000), suivis d'un manuscrit inachevé de Pierre et Marie-Claire Bourdieu, *Seuil-Raisons d'agir*, 2013. Edição estabelecida por Pascale Casanova, Patrick Champagne, Christophe Charle, Franck Poupeau et Marie-Christine Rivière.

último ponto, pode-se ter a impressão de que ele dispunha de uma teoria sistemática desde os primeiros textos, mas isso não é verdade e talvez seja uma ilusão retrospectiva. Há coisas que ele só desenvolveu em um certo momento e outras ele aprofundou e moldou apenas com o tempo.

**De que forma, após a morte de Bourdieu, o então Centre de Sociologie Européenne deu continuidade às pesquisas em sociologia? Pode-se dizer que há entre a primeira geração e a sua uma diferença, por exemplo, em relação aos temas ou aos métodos de pesquisa?**

Para mim, a sigla “CSE” designa coisas muito distintas dependendo da época. Nos anos 1990, não era mais o grupo de pesquisa altamente integrado e engajado nas pesquisas coletivas, tal como nos anos 1960. As pesquisas coletivas se tornaram mais escassas e havia maior diferenciação entre os sub-grupos, ao menos no que diz respeito aos temas de pesquisa. No entanto, ainda persistia, mais do que em outros laboratórios, um sentimento de uniformidade intelectual e de solidariedade. Hoje, quando olho para trás, considero esses seminários excepcionais. A pessoa que apresentava sua própria pesquisa e todas as que tomavam a palavra para debater se exprimiam sob o controle das demais, de modo que todo “erro” sociológico era imediatamente apontado. Tal orientação rendia discussões densas e de alta qualidade, como jamais encontrei em outros seminários franceses.

Após os anos 2000, houve uma nova mudança. O desaparecimento de Bourdieu por si só foi importante, pois a unidade do grupo se dava tanto em torno de sua obra, quanto de sua pessoa. O CSE também parece ter mudado por razões demográficas. O grupo era formado, essencialmente, por pesquisadores nascidos na primeira metade dos anos 1940 (Francine Muel-Dreyfus, Michel Pialoux, Remi Lenoir, Louis Pinto, Patrick Champagne etc.) e por pesquisadores nascidos entre 20 e 25 anos mais tarde (Gisèle Sapiro, Charles Soullié etc.). Ao longo dos anos 2000, a primeira geração foi progressivamente se aposentando ou se afastando. Além disso, depois dos anos 1990 o contexto institucional da pesquisa na França mudou bastante. Pode-se dizer, grosso modo, que as novas regras burocráticas tornaram mais difícil a constituição ou a manutenção de centros de pesquisa baseados em um projeto intelectual. Em consequência, a maior parte

dos centros de pesquisa passou a reunir pesquisadores cujo principal ponto em comum não é o intelectual, mas o fato de trabalharem em uma mesma universidade. O CSE não conseguiu resistir a essas transformações. Alguns de seus membros tiveram que sair para se juntar aos laboratórios de suas próprias universidades. Além disso, a sociologia de Bourdieu se difundiu e o Centro deixou de ser, como era no passado, o único lugar de encontro dos pesquisadores que se inspiram em Bourdieu. Paralelamente, há ainda fatores de inércia. Alguns têm a ver com as percepções que o CSE suscita externamente. No exterior e mesmo na França, elas se orientam, por vezes, pelo que ele foi no passado ou pelo que supostamente teria sido (dependendo do ponto de vista, um “lugar mítico” ou uma “fortaleza perigosa”), o que tem efeitos performativos. Tais percepções poderão contribuir para fortalecer o grupo novamente e, assim, aumentar a resistência contra as forças que tendem a dissolvê-lo.

**Suas pesquisas focalizam objetos empíricos distintos, tais como o jornalismo econômico e o cinema, mas em todos os estudos você procurou captar as relações entre atividades culturais e economia. Você poderia reconstituir as linhas de força e as circunstâncias em que esses trabalhos foram elaborados?**

Esses dois trabalhos foram elaborados de maneiras muito distintas. O trabalho sobre o jornalismo econômico é minha tese de doutorado. Quando comecei a pesquisar, os meios de comunicação suscitavam questionamentos em razão da importância crescente das redes de televisão privadas<sup>28</sup> e dos escândalos ligados à manipulação da informação, tais como o episódio das ossadas de Timisoara ou a Guerra do Golfo. Como isso me interessava, fiquei muito contente ao ler o primeiro número da *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, de 1994, dedicado especialmente ao tema do jornalismo<sup>29</sup>. Nesse momento, estava em busca de um objeto de pesquisa e comecei a dirigir minha atenção para esse tema – em particular para o jornalismo econômico. Os jornais e as revistas econômicas se multiplicavam nessa época e a gente via crescer sobretudo a

---

28 Na França, até os anos 1980, havia apenas emissoras públicas de televisão. (N.E.)

29 « L'emprise du journalisme », *Actes de la recherche en sciences sociales*, n°101-102, mars 1994. (N.E.)

abordagem liberal em economia, mesmo em jornais marcadamente de esquerda. Minha dupla formação, em sociologia e em economia, também contribuiu para esse interesse, pois o jornalismo econômico me parecia uma maneira original e pertinente de tratar da questão central da dependência do jornalismo em relação ao mundo econômico<sup>30</sup>. Em meu primeiro encontro com meu orientador, Remi Lenoir, decidi fazer dessa questão o tema da tese. À época, havia um grupo de trabalho sobre jornalismo no CSE que era conduzido por Patrick Champagne e Dominique Marchetti. Aprendi muito nesse grupo, que adotava o seguinte método de trabalho: alternava a apresentação de pesquisas em andamento e a realização de entrevistas coletivas com jornalistas. Frédéric Lebaron, que era também membro do CSE, fundou algum tempo depois um grupo de sociologia econômica que funcionou por muitos anos. Então, havia no CSE uma preocupação em estimular tanto a pesquisa individual quanto pesquisas coletivas. Eu também investi em tarefas coletivas, tais como a organização de uma jornada de estudos com Marie France Parpet-Garcia sobre sociologia econômica<sup>31</sup>, a coordenação de um número sobre o cinema e a organização de um colóquio sobre *La Distinction*, no qual o tema das práticas culturais era central.

**Em 2016, você publicou um livro sobre o cinema francês que é uma análise sociológica que recompõe as oposições entre cinema comercial e cinema autoral, e entre consumo popular e consumo cultivado<sup>32</sup>. Essa oposição pode ser considerada a marca do cinema francês? Como os cineastas conseguiram impor uma concepção autoral, dado que o cinema é um modo de produção artística coletivo?**

Creio que o cinema foi para mim ocasião de retomar, a partir de outro objeto, questões que havia colocado no estudo sobre jornalismo econômico, tais como a autonomia em relação às restrições econômicas ou a

30 Cf. Critique de la raison journalistique. Les transformations de la presse économique en France, Paris, Le Seuil, 2004. (N.E.)

31 Essa jornada de estudos se prolongou através de um número de revista: DUVAL, Julien e GARCIA-PARPET, Marie-France (orgs). «Sociologie et économie des biens symboliques », Revue française de socio-économie, n°10, 2012. (N.E.)

32 Cf. DUVAL, Julien. Le cinéma au XXe siècle. Entre loi du marché et règles de l'art. Paris, CNRS, 2016.

ascensão da lógica econômica num universo de produção cultural nas últimas décadas. Eu pretendia explorar a ideia de que a época contemporânea se caracterizava por uma perda de autonomia dos campos de produção cultural e por transformações mais largas que me permitiam pensar a relação entre capital econômico e capital cultural.

A divisão que vocês apontaram, entre cinema comercial e cinema autoral, é particularmente forte na França, o país que inventou em grande parte a noção de “autor” no cinema e que se estabeleceu, desde os anos 1920, como um centro importante em termos de consumo “cultivado” do cinema. Dito isso, parece-me que esse dualismo existe sob formas diversas em outros países. Por exemplo, mostro no livro que ele existe também nos Estados Unidos. Aliás, meu livro é centrado no caso europeu-estadunidense porque são dois polos dominantes, ao menos historicamente. Mas tendo a pensar que tal oposição também existe no Brasil. Em todo caso, é a impressão que tive a partir da leitura de um texto de Carolina Pulici sobre os gostos em matéria de cinema das classes dominantes em São Paulo.<sup>33</sup> A percepção que temos na França sobre o cinema brasileiro vai também nesse sentido: os amadores do cinema conhecem certos “autores” (Glauber Rocha é certamente o mais conhecido na França), mas é difícil pensar que a produção brasileira não inclui também um segmento mais “popular” ou mais “comercial”. Em meu livro, sugiro que essa divisão estrutura uma espécie de espaço internacional do cinema, mas prefiro indicar a leitura do livro sobre essa questão, pois é difícil exprimi-la em poucas palavras.

Ao mesmo tempo, estou de acordo com vocês em relação ao fato de que essa oposição possui intensidade e forma distinta segundo cada momento histórico e que o nosso está marcado por formas de uniformização do consumo e da oferta cinematográfica. Abordo esse ponto em meu livro, mas me mantive prudente porque creio que o aumento do poder dos produtos tipo “blockbusters” é acompanhado, em certo sentido, por um reforço da bipolarização do espaço. Sem dúvida, tal aumento tem sido muito intenso, mas o campo é atravessado por forças contraditórias que não devem ser negligenciadas, ainda que de menor intensidade. É evidente,

---

33 PULICI, Carolina. *Le goût dominant comme goût traditionnel. Préférences et aversions esthétiques des élites de São Paulo, in Trente ans après La Distinction, Paris, La Découverte, 2013, p. 216-226.*

por exemplo, que os grandes estúdios estadunidenses concentraram seus investimentos, em período recente, nos produtos “blockbusters”; contudo, ao mesmo tempo, à medida que essa produção se diversificou, algumas das filiais começaram a produzir filmes “de arte”, de maneira que dentro desse próprio meio criou-se a oposição que estrutura o conjunto do espaço. O ponto que vocês destacam na segunda parte da questão também está presente em meu livro, mesmo que não parta do princípio de que o cinema é uma produção coletiva. Minha intenção foi mais reativa: os sociólogos que se inspiram na sociologia interacionista de Howard Becker (que foi traduzido, convidado e muito utilizado na França, aparentemente, contra Bourdieu)<sup>34</sup> insistem muito no fato de que as obras de arte e, em particular, os filmes, não são obras isoladas, mas produções coletivas, pois produto da cooperação entre todos os tipos de agentes. Eles têm razão, certamente, mas essa perspectiva tem o inconveniente de ocultar que a concepção do realizador do filme como (único) “autor”, mesmo que seja falsa, também é socialmente fundada e exerce efeitos (por exemplo, sobre os sets de filmagem). Há um trabalho muito rico sobre isso, infelizmente ainda inédito, de Yann Darré, que se inscreve na perspectiva de Bourdieu<sup>35</sup>.

Em todo caso, penso que o caráter coletivo da criação cinematográfica não é o único obstáculo à importação para o cinema da postura de artista (em particular de vanguarda). Um obstáculo que considero importante é simplesmente o fato de que o cinema custa caro. A produção e a difusão de um filme demandam em regra muito mais dinheiro do que, por exemplo, a escrita e a publicação de um livro. Como a exigência de rentabilidade pode ser contornada? Em um país como a França, a intervenção do Estado em favor de obras de « qualidade », como se diz, ajuda a responder à questão; mas existe também uma série de estratégias que os cineastas empregam e que variam segundo o contexto e o tipo de obra. Por exemplo, alternar a produção de filmes mais “comerciais”, suscetíveis de caber nos custos, e “filmes de autor”, que tem público incerto. Um aspecto do cinema que me pareceu particularmente interessante foi a questão das

34 BECKER, Howard. *Les Mondes de l'art*, Paris, Flammarion, 1988. Tradução para o português: *Mundos da Arte*. Trad. Luís San Payo. Lisboa, Livros Horizonte, 2010.

35 DARRÉ, Yann « *Auteurs et techniciens, division du travail dans le cinéma après la Nouvelle Vague* », diplôme de l'EHESS sous la direction de Pierre Bourdieu, 1982.

condições econômicas da autonomia artística, que envolvem estratégias que colocam em cena produtores artísticos para instituir, para além dos evidentes obstáculos, o que Bourdieu chamou “um mundo econômico ao inverso”. Essa questão se coloca sem dúvida em todos os domínios culturais, mas ela adquire maior importância no cinema. Uma questão bastante atual em uma época em que as lógicas econômicas parecem ganhar maior importância nas atividades culturais.

### **A aparição de cinéfilos, críticos e mediadores em geral foi uma condição necessária para o desenvolvimento do cinema “autoral”? Qual a gênese social do público que construiu um amor pela sétima arte?**

Certamente foi uma condição necessária. Em sociologia, temos com frequência uma tendência a estudar separadamente a produção e o consumo das obras culturais, enquanto elas são indissociáveis na realidade. O desenvolvimento de uma produção artística ou “de qualidade” e o que chamamos “a legitimação do cinema” são dois fenômenos bastante ligados e que se retroalimentam. Um ponto de partida bastante importante é o olhar estético que diversos agentes dirigem ao cinema, tais como produtores artísticos, escritores, poetas de vanguarda, a primeira geração de cineastas etc. Isso começa muito cedo, por volta dos anos 1910 e 1920. Nos anos 1920, surge uma crítica especializada, frações do público cultivado se reúnem para consumir obras particulares que eles consideram “clássicas” e produções de vanguarda começam a aparecer. Um pouco mais tarde, surgem as cinematecas, o que é importante ao menos simbolicamente: a intenção de conservar os filmes por si só modifica seu *status*, pois significa que os filmes não são simples objetos de consumo que jogamos fora, mas sim produtos de cultura que conservamos. Esses fenômenos são mais rápidos e intensos em certos países, mas eles se produzem tanto na Europa quanto nos Estados Unidos – e o Brasil não é exceção, se compreendi bem o livro de Afrânio Mendes Catani.<sup>36</sup>

---

36 CATANI, Afrânio Mendes. *Histórias do Cinema Brasileiro – 4 Ensaios*, São Paulo, *Panorama do saber*, 2004. Tatiana Heise, Andrew Tudor, “Constructing (Film) Art: Bourdieu’s Field Model in a Comparative Context”, *Cultural sociology*, 1(2), 2007, p.165-187

As décadas seguintes à Segunda Guerra Mundial também são importantes. Nos países industrializados, conforme as classes populares começam a se afastar relativamente do cinema, a clientela dos filmes mais “artísticos” ou políticos aumenta. Esse processo, por sua vez, está relacionado ao acesso de frações mais amplas da população ao sistema educativo ou aos movimentos de educação popular. Na França, por exemplo, o período entre 1940 e 1960 foi marcado pelo apogeu dos “cineclubes” que, à margem das salas comerciais, projetavam filmes clássicos para difundir uma “cultura cinematográfica”, o que ganhou dimensão intelectual. Em geral, atingem sobretudo um público cultivado, mas alcançam também, mesmo que pouco, um público mais popular, em particular pelas ramificações do movimento que são mais diretamente ligadas ao Partido Comunista. Esse período também se caracteriza pelo florescimento das revistas especializadas e pelo aumento do poder da crítica “científica” em certas mídias. Na França, a televisão pública herdou a tradição dos cineclubes e, por muito tempo, difundiu em certos horários filmes de repertório para formar e desenvolver um gosto pelo cinema “cultivado”.

**No livro *Mythe du ‘trou de la Sécu’* publicado pela editora Raison d’agir, em 2007, você tratou da questão do corte dos recursos que sustentam o Estado de Bem-Estar Social francês. E você mostra que diminuir a proteção social é também um projeto político. Podemos considerar essa uma tomada de posição de sua parte? Como concebe a relação entre pesquisa sociológica e engajamento político?**

Para entender o ponto de partida desse livro, é preciso saber que, desde os anos 1980, os meios de comunicação anunciavam regularmente que a segurança social estava em déficit. Assim, eles alimentaram por muito tempo a ideia de que a seguridade social é eternamente deficitária e impuseram a ideia de que o problema não pode ser resolvido a não ser por uma redução do valor das aposentadorias e do investimento no sistema público de saúde. Essa forma de ver as coisas é bem discutível. No curso de economia eu tinha estudado a questão da seguridade social e praticamente todos os economistas e especialistas da área diziam que o problema, tal como estava posto pelos jornalistas e pelos políticos, estava mal colocado ou, pior

ainda, era um falso problema. Eu retomei esses argumentos, mas também tentei mostrar porque aquela visão (falsa) se impunha: os experts tinham organizado um dispositivo de comunicação, muito simples, mas eficaz, que levava os *medias* a falar regularmente desse “déficit” aparentando total “objetividade”. Eles sabiam que essa visão midiática não era séria, mas sua ação estava voltada ao fortalecimento de políticas neoliberais: tratava-se de enfraquecer a seguridade social pública e de estimular o desenvolvimento de mecanismos de seguridade privados.

O livro foi publicado em 2007, mas ele teve origem em um trabalho preliminar que eu tinha realizado antes de minha tese sobre o jornalismo econômico. Era, na verdade, um trabalho escolar: eu tratava o “buraco da seguridade” como uma “preensão” e mostrava que ela era falsa, mas, ao mesmo tempo, que esse erro era “socialmente fundado” e produzia efeitos bem reais. Eu analisava, como se diz, a “construção de um problema social” ao escolher um objeto que, em relação aos problemas que se estuda em geral nessa perspectiva, tinha a particularidade de remeter a uma realidade econômica, aparentemente bem material, uma soma que era quantificada e que era preciso esconder. Retomei esse trabalho muitas vezes até que, em 2002, publiquei um artigo. Foi depois de ter lido esse artigo que Jérôme Bourdieu, que é economista e que investiu muito na continuidade das atividades editoriais de seu pai, me animou a escrever um pequeno livro de intervenção na coleção “Raison d’agir” – que visa um público mais amplo, para além do leitor acadêmico. Tive que reescrever o artigo para torná-lo menos acadêmico, mais acessível, e fazer um trabalho de leitura complementar bastante importante para alargar a proposta. Acho que o princípio dessa coleção é muito bom: trata-se de difundir, em uma perspectiva engajada (ou cívica), conhecimentos e análises que resultaram de trabalhos de ciências sociais.

Esse livro tem um caráter político ou engajado, mas não penso que, em relação ao rigor científico, ele seja muito diferente do que o que publiquei em espaços acadêmicos. O problema é que não tive energia suficiente para acompanhar seus desdobramentos. Faltava-me o ânimo militante para participar dos debates organizados pelos pequenos grupos associativos ou políticos. O livro, claro, não tinha força para mudar os debates franceses sobre a seguridade social, pois esse modo de raciocinar, vindo de um desconhecido dos meios jornalísticos, não tinha chance de ser ouvido

– considerando-se o clima ideológico e a maneira pela qual os meios de comunicação funcionam atualmente na França. Por outro lado, não posso dizer que foi um trabalho em vão, pois atingiu claramente um público mais amplo. Ele vendeu 10.000 exemplares, o que é pouco em comparação aos best-sellers, que vendem uma ou várias centenas de milhares de exemplares na França, mas muito em relação às obras de ciências humanas que, atualmente, vendem em média entre 200 e 800 exemplares.

**Você codirigiu, com Philippe Coulangeon, dois livros: *Trente ans après 'La Distinction'* e *The Routledge Companion to Bourdieu's Distinction*<sup>37</sup>. Esses dois livros procuraram refletir sobre o legado de A Distinção em vários países, o que mostra que o livro de Bourdieu alimentou agendas de pesquisa em todo o mundo. Mas sabemos que essa obra também gerou polêmicas em torno de sua principal tese: os determinantes sociais do gosto e das práticas culturais. Você poderia desenvolver a questão?**

Os dois livros resultaram de um colóquio que aconteceu em Paris. Creio que aconteceram coisas muito interessantes nesse evento, mas também preciso exprimir uma decepção. Mesmo quando estamos entre sociólogos e debatemos a sociologia de Bourdieu, não conseguimos pôr em prática a reflexividade – o que Bourdieu considerava era uma de suas contribuições mais importantes. O colóquio e os livros levantaram questões muito diversas, mas esse problema não conseguimos enfrentar diretamente: Por que um colóquio como esse foi organizado? Quais são os interesses dos seus organizadores? Questões essas que me concernem, claro. Por que as pessoas se interessaram em participar? A despeito do colóquio, não deveríamos ter feito, de maneira um pouco sistemática, uma sociologia da recepção de *La Distinction*? O que explica, por exemplo, que em cada espaço nacional a recepção seja diversa? Alguns artigos abordam essas questões, mas não existe uma investigação sistemática sobre isso.

37 Colóquio: « *Trente ans après La Distinction/Thirty Years After Distinction* », 4-5-6 novembre 2010, Paris. Livros: Philippe Coulangeon, Julien Duval (dir.), *Trente ans après La Distinction* de Pierre Bourdieu, Paris, *La Découverte*, collection « *Recherches* », 2013, 423 p.; *The Routledge Companion to Bourdieu's Distinction*, London-New York, Routledge, CRESC, 2014, 326 p.

Atualmente, pesquisadores e estudantes estamos confrontados individualmente com todos esses debates e percebemos de maneira difusa que eles não obedecem à lógica da discussão científica. Além disso, muitas das contribuições repousam em leituras simplistas de *La Distinction*. Por vezes, trata-se de desonestidade. Mas, há também mal-entendidos relacionados ao fato de que se trata de um livro cujo material empírico está enraizado em um quadro espaço-temporal específico: a França dos anos 1960 e 1970. Ou seja, é óbvio que *La Distinction* está ultrapassada no que diz respeito aos dados empíricos. Bourdieu sabia, através da descrição de um “caso particular do possível”, dizer coisas de alcance geral, mas certamente não pensava que cada frase de *La Distinction* fosse uma enunciação de uma verdade generalizável a todas as sociedades. Uma sociologia dos debates em torno de *La Distinction* contribuiria para distinguir, de maneira clara, as questões importantes e as falsas questões – cuja origem reside no modo de funcionamento do campo dos sociólogos, onde, como em todos os campos, existimos pela diferença. De minha parte, utilizei, mas também critiquei, em meus próprios trabalhos, a literatura sobre “o ecletismo cultural”, ou seja, o ecletismo das classes superiores em termos de gosto cultural, tese oposta à de Bourdieu.<sup>38</sup>

**As pesquisas que você realizou utilizaram uma abordagem quantitativa e se valeram de métodos estatísticos específicos, como a Análise de Correspondências Múltiplas (ACM). Você desenvolveu isso em dois artigos metodológicos sobre técnicas de pesquisa para análise de um espaço social<sup>39</sup>. Considerando que essa técnica é também uma concepção sobre o mundo social, como ela poderia contribuir para a construção e a análise do problema sociológico?**

De fato, vocês mencionam algumas ferramentas e conceitos relacionais que enfatizei bastante em minhas pesquisas. Talvez seja um efeito

---

38 Richard A. Peterson and Roger M. Kern, “Changing Highbrow Taste: From Snob to Omnivore”, *American Sociological Review*, vol. 61, n° 5, October 1996), pp. 900-907.

39 Cf. DUVAL, Julien. « Analisar um espaço social », in Serge Paugam (coord.), *A Pesquisa Sociológica*, trad. Francisco Morás, Petrópolis, Editora Vozes, 2015, pp. 218-237 ; DUVAL, Julien. « L'analyse des correspondances et la construction des champs », *Actes de la recherche en sciences sociales*, n°200, décembre 2013, pp. 110-123. N.T.

geracional – pois livros tais como *Réponses e Les Règles de l'Art*, publicados nos anos 1990, foram importantes em minha formação -, mas considero a noção de campo ou a “teoria geral dos campos” a grande contribuição de Bourdieu. Aliás, mesmo que aparentemente a sociologia de Bourdieu seja muito difundida entre os sociólogos franceses, a noção de campo permanece pouco utilizada, ainda que seja central – a tal ponto que, segundo ele, a tarefa principal das ciências sociais seria construir tais espaços.

A análise de correspondências é um método privilegiado para construir esses espaços. Por outro lado, é importante mencionar que há trabalhos que empregam muito bem o conceito de campo sem recorrer a tal método, ou seja, não se trata de defender o uso exclusivo da análise de correspondências.<sup>40</sup> O ideal é, aos meus olhos, utilizar técnicas de investigação variadas, na medida em que são complementares. Em minhas pesquisas, frequentemente utilizei a estatística, mas justamente acho que esse é um limite do meu trabalho. Como justificativa, posso dizer que o tempo é limitado e que é muito difícil em uma pesquisa individual realizar tudo aquilo que é preciso: estatísticas, entrevistas, observações, pesquisa de documentos etc. O lugar da estatística no meu trabalho é em parte devido às peculiaridades do meu percurso: não sou um sociólogo de formação puramente “literária”, pois como mencionei desenvolvi minha tese em um laboratório de “sociologia quantitativa” – o que me deixou sensível aos esforços realizados por Henry Rouanet e Brigitte Le Roux para difundir a análise de correspondência no fim dos anos 1990. Frédéric Lebaron também participou ativamente dessa mobilização<sup>41</sup>.

Além disso, considero a análise de correspondência uma ferramenta extremamente útil. Quando usei a ACM para analisar o campo do cinema na França, um dos meus objetivos era introduzir algo mais elaborado num debate que estava então polarizado: de um lado, afirmava-se que a oposição entre o cinema comercial e o cinema de autor era “uma oposição de senso

40 Posso mencionar, por exemplo, um artigo puramente “qualitativo” sobre o jornalismo: CHAMPAÑNE, Patrick e MARCHETTI, Dominique. “Une information sous contrainte”. Actes de la recherche en sciences sociales, n°101-102, mars 1994, p. 40-62.

41 Em 2015, publicamos um livro que é produto desse esforço de divulgação. Cf. LEBARON, Frédéric ; LE ROUX, Brigitte (dir.), La méthodologie de Pierre Bourdieu en action. Espace culturel, espace social et analyse des données, Paris, Dunod, 2015. (N.E.)

comum”; de outro lado, que era uma verdade absoluta e inquestionável. A meu ver, o mérito do uso da ACM para a construção empírica dos espaços sociais é que o método obriga a colocar questões importantes que, sem ele, poderiam permanecer ocultas. Além disso, dá a ver coisas sobre as quais é difícil ter consciência, às vezes até por parecerem óbvias. Na verdade, acho que o interesse da ACM está em seu poder de ilustrar uma ruptura com o senso comum, algo que os sociólogos durkheimianos explicaram muito bem. Halbwachs comparava o aparecimento da ferramenta estatística nas ciências sociais com a invenção do telescópio na astronomia: em ambos os casos, o novo instrumento dá acesso a uma gama de fatos invisíveis a olho nu<sup>42</sup>. Bourdieu, por sua vez, como era vigilante em relação aos riscos do objetivismo, evocava a imagem do “deslocamento dos continentes”, algo que não vemos se nos restringirmos à observação humana. Na sociologia, privar-se da estatística talvez implique ficar impossibilitado de enxergar algumas partes do mundo social.

**O trabalho teórico e metodológico desenvolvido por Pierre Bourdieu se difundiu pelas diversas áreas dentro da sociologia e fora dela. É possível dizer que a sociologia de Bourdieu é uma matriz vitoriosa no espaço acadêmico francês?**

Seria necessário fazer uma cartografia precisa da sociologia francesa contemporânea para responder a essa questão de maneira precisa. O que posso dizer será forçosamente limitado porque se trata de meu ponto de vista, ou seja, da minha consciência, necessariamente parcial, do que se produz atualmente. Minha impressão é que a influência de Bourdieu vai muito além da sociologia da cultura, pois está presente na sociologia da educação, na sociologia econômica, na sociologia das ciências, na sociologia política, nos estudos sobre classes dominantes e populares etc. Está se difundindo até mesmo em domínios em relação aos quais seu nome estava bem pouco associado, como a sociologia do trabalho. As novas gerações de sociólogos, que têm por volta de trinta anos, parecem ter sido muito marcadas por Bourdieu.

---

42 HALBWACHS, Maurice. *Les Causes du suicide*, Paris, PUF, coll. « *Le lien social* », [1930] 2002, p. 3-4.

Contudo, a relação com Bourdieu permanece frequentemente ambivalente: empréstimos seletivos de seus conceitos ou de seu método se misturam a outras fontes de inspiração, nem sempre conciliáveis com a sociologia de Bourdieu, em geral para marcar uma distância crítica. Uma parte crescente da sociologia francesa se inspira em Bourdieu, mas, ao mesmo tempo, é cada vez menos frequente a postura que tinham os pesquisadores que trabalhavam com ele no CSE, qual seja a preocupação em “fazer tão bem quanto ele” e não em se destacar a qualquer preço. Atualmente, parece-me que a postura mais frequente consiste, ao contrário, em dar a impressão de que se faz coisa melhor do que Bourdieu, sob o risco, claro, de concretamente fazer menos ou pior... Estou me exprimindo, claro, de modo caricatural. Por outro lado, é preciso ter em conta que as condições de trabalho dos pesquisadores mudaram muito e que é absolutamente impossível trabalhar como Bourdieu, pois ninguém hoje conseguiria montar uma equipe de pesquisa como a que ele montou no início dos anos 1960.

A expressão “matriz vitoriosa” que vocês empregam é correta num sentido específico: a sociologia francesa seria bem diferente atualmente se Bourdieu não tivesse existido. Inúmeros conceitos, análises e métodos que ele elaborou tornaram-se moeda corrente. Contudo, Bourdieu permanece uma referência um pouco problemática, que não se reivindica com facilidade ou sem reserva na França. Em determinado momento, ele distinguiu, em seus cursos de sociologia geral, as obras que passam à posteridade ou que se tornam “clássicas” das que permanecem eternamente objeto de disputa (nesse caso, ele pensava em Marx<sup>43</sup>). Atualmente, Bourdieu tornou-se, em certo sentido, um “clássico” que, ao mesmo tempo, permanece um objeto de disputa entre os sociólogos. Há textos (penso em particular em um livro de Jean-Louis Fabiani publicado recentemente sobre ele e que sem dúvida está bem sintonizado com o humor dominante entre os sociólogos hoje<sup>44</sup>) que o tratam tanto como um “mestre” respeitado, quanto como uma espécie de mau aluno, cujas lições são esboços que é preciso retificar. Haveria talvez matéria para reflexão a propósito de seu estatuto atual e sobre a noção de “revolução simbólica” que

43 *Sociologie générale*. Volume 1, p. 674.

44 *FABIANI, Jean-Louis* Pierre Bourdieu, Un structuralisme héroïque. Paris, Le Seuil, 2016.

ele criou. Quando pensamos que ele mesmo aspirava realizar uma “revolução simbólica” (ou continuar aquela que Durkheim e o conjunto dos fundadores da sociologia haviam iniciado), a questão que se coloca é se ele foi bem-sucedido nessa empreitada. Ele suscitou, entre os sociólogos, durante sua vida, reações de rejeição muito intensas. Atualmente, a rejeição diminuiu entre os sociólogos, pois cada vez menos as novas gerações podem se permitir ignorar Bourdieu. Contudo, podemos nos perguntar se isso significa que sua revolução foi um sucesso. Será que essa atitude ambivalente é o prelúdio de um reconhecimento verdadeiro e total, ou ela anuncia uma forma de neutralização ou de instrumentalização de sua contribuição? É preciso reconhecer que há, nos dias atuais, trabalhos que utilizam Bourdieu para restaurar categoriais e atitudes contra as quais ele havia construído sua sociologia...

**Algumas pesquisas francesas recentes enfatizam uma abordagem transnacional, ou seja, buscam observar problemas ou objetos para além do enquadramento nacional. Você considera que as mudanças contemporâneas associadas ao fenômeno da “mundialização” e, talvez, à perda da centralidade da França (em relação à imposição da língua ou dos estilos de vida) tornaram os pesquisadores mais sensíveis às relações de dominação entre os países? Em que medida a ascensão de uma elite internacional menos francófila interferiu nesse processo?**

Eu nunca vi as coisas sob esse ângulo, mas penso que vocês têm razão. A única reserva que faria, eventualmente, a essa análise, é que a relação que vocês estabelecem talvez não seja percebida pelos pesquisadores franceses como tal. O recuo da influência cultural francesa é um fato, mas também um fenômeno que ocorre lentamente e que, para evocar algo que disse anteriormente sobre o “deslocamento dos continentes”, tende a escapar à percepção das pessoas. Atualmente, as pesquisas adotam com maior frequência uma abordagem transnacional porque as gerações mais jovens têm mais motivos que as precedentes para estudar essas questões. Em primeiro lugar, elas falam melhor o inglês. Além disso, as instituições europeias desempenham um papel mais importante do que no período anterior em termos de financiamento à pesquisa, o que favorece objetos “transnacionais”.

Na França, as instituições de pesquisa também veem com bons olhos trabalhar temas “internacionais”.

Em sua pergunta, vocês enfatizam o declínio da influência francesa no plano internacional (aliás, a questão do “lugar da França na mundialização” é hoje em dia um lugar comum no discurso político e midiático na França), mas gostaria de sugerir que há mediações entre esse fenômeno e o desenvolvimento de pesquisas “transnacionais”. De todo modo, o incremento dos objetos de pesquisa “transnacionais” não está ligado, de maneira sistemática, a uma reflexão muito consciente sobre os limites das pesquisas restritas a um quadro nacional.

**Em relação à difusão internacional da sociologia do CESSP, você tem dados sobre a recepção dessas ideias, o número de leitores, traduções, citações acadêmicas etc? Você saberia dizer em quais países houve um forte enraizamento institucional da sociologia bourdiana? Como você vê os herdeiros de Bourdieu no Brasil e no mundo?**

Infelizmente, tenho poucos elementos para responder a essas questões. Uma pista pode ser, sem dúvida, a bibliografia dos trabalhos de Pierre Bourdieu que Yvette Delsaut e Marie-Christine Rivière<sup>45</sup> publicaram e que inclui um levantamento específico de todas as traduções de artigos e de livros de Bourdieu. Em uma entrevista com Bourdieu, publicada na sequência dessa bibliografia e que penso ter sido traduzida no Brasil<sup>46</sup>, Yvette Delsaut faz observações bem interessantes sobre a difusão da obra de Bourdieu fora da França, nos países “pioneiros” etc. Uma outra pista é o *Dictionnaire International Bourdieu*<sup>47</sup> que Gisèle Sapiro está organizando e que contém indicações sobre a difusão da obra de Bourdieu nos principais países em que ocorreu.

45 DELSAUT, Yvette e RIVIÈRE, Marie-Christine, Bibliographie des travaux de Pierre Bourdieu, suivie d'un entretien sur l'esprit de la recherche, Pantin, Le Temps des Cerises, 2002 (édition mise à jour sous forme électronique en 2009).

46 BOURDIEU, Pierre e DELSAUT, Yvette. “Sur l'esprit de la recherche. Entretien”, in Yvette Delsaut et Marie-Christine Rivière, Bibliographie..., pp. 175-239. Citação p. 180-181.

47 SAPIRO, Gisèle (org), Dictionnaire international Bourdieu, Paris, CNRS Éditions, à paraître en 2018.

No que diz respeito ao Brasil, os sociólogos se interessaram por Bourdieu muito cedo, desde o fim dos anos 1960. Para os membros do CSE da minha geração, esses vínculos privilegiados com colegas brasileiros quase sempre fizeram parte do cenário: acostumei-me a ler regularmente na *Actes de la recherche en sciences sociales* pesquisas desenvolvidas no Brasil e também a encontrar frequentemente sociólogos brasileiros nos seminários e espaços do CSE. Poderia citar inúmeras pessoas, mas é preciso mencionar ao menos três nomes: Afrânio Garcia e Marie-France Parpet-Garcia, com quem eu trabalhei diretamente e que são literalmente “colegas de sala”, e Sergio Miceli, que pertence a esse círculo considerado mítico por alguns colegas de minha geração – e que foram autores dos primeiros números da *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. Mais recentemente, guardo uma boa lembrança de dois seminários ocorridos em Paris, um com Sergio Miceli e outro com Graziela Perosa, no *Groupe de réflexion sur le Brésil contemporain*, coordenado por Afrânio Garcia na EHESS. Nos dois casos, houve discussões muito animadas para saber se os mesmos conceitos (o conceito de campo, por exemplo) e as mesmas análises (a diferença entre ensino público e ensino privado) valem igualmente na França e no Brasil (ou na América Latina). Esses debates são, evidentemente, extremamente úteis: graças a eles podemos almejar a contribuir coletivamente para construir ou afinar as ferramentas para que não tenham validade meramente local e, assim, fazer de fato obra científica.

Em relação à presença de estrangeiros no CSE, é fundamental dizer que o Centro abrigou e continua a abrigar os não-franceses, tais como Abdelmalek Sayad (Argélia), Victor Karady (Hungria), Johan Heilbron (Holanda), entre outros. Além deles, um grande número de estrangeiros circulou regularmente pelo CSE, mesmo mantendo seu posto de pesquisador no país de origem. O CSE é muito aberto, especialmente a nível internacional, o que é muito raro no contexto francês, e também, extremamente valioso. Atualmente, creio que é preciso dar continuidade a essas trocas, não apenas para que o debate não se restrinja ao espaço nacional, mas também para não sucumbir à tentação de praticar uma sociologia internacional *mainstream*, de origem em grande parte estadunidense, e que, ainda que tente digerir Bourdieu, não é muito estimulante... Mas isso nos leva a uma dimensão fundamental do CSE (inscrita até mesmo em seu

nome, o adjetivo “europeu”): a ideia era construir, em escala internacional, uma ciência social que pudesse rivalizar principalmente com a sociologia estadunidense que, no contexto da guerra fria, começava a se impor como uma forma de *mainstream* internacional. O contexto político mudou, mas de um modo que esse projeto é mais atual do que nunca. Hoje em dia, não se lê muito, ao menos na França, Parsons ou Lazarsfeld, contra os quais a sociologia de Bourdieu se construiu; mas o *mainstream* atual é seu herdeiro direto (aliás, o artigo de Pollak sobre Bourdieu que vocês traduziram é fundamental para essa discussão), e não é muito edificante... mesmo quando, como ocorre atualmente, pretende incorporar (ou neutralizar?) a sociologia de Bourdieu.

Recebido em: 21.08.2017

Aprovado em: 08.03.2018